

Carta sobre Escrita – 10

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

O que é escrever? Não sei. Mas posso pensar sobre isso.

É claro, sei que escrever é registrar um pensamento ou uma mensagem por escrito, isto é, de modo a que o registo permaneça fora da mente de quem o pensa. Contudo, isso supõe que há um pensamento ou uma mensagem prévia à escrita, que, para que não desapareça, se regista de modo mais ou menos perene. Sim, isso é escrever, mas escrever não se limita a isso, é muito mais que isso.

Escrever também é pensar por escrito. Ou seja, neste caso não há um pensamento prévio a ser registado, é no próprio ato de escrever que o pensamento se vai formando. Ora, não pensamos de modo apenas mental como pensamos enquanto escrevemos. Aliás, nem são os mesmos centros cerebrais que entram nestas diferentes modalidades de pensamento.

Podemos dizer que a economia do pensamento mental e a economia do pensamento por escrito não são a mesma. Escrever tem exigências que o pensar apenas mental não tem. E se aquele que escreve exigir de si uma escrita não apenas comum mas sobretudo cuidada, então a distância entre o pensar silencioso e o pensar por escrito é ainda maior.

Muitos autores afirmam que escrevem (por exemplo, um romance) para descobrir o que vai acontecer. Um autor coloca uma, duas ou mais personagens em cena e, escrevendo sobre elas, vai desenvolvendo uma narrativa que conta o que acontece entre essas personagens. O autor – um autor que escreve assim – não sabe à partida o que vai acontecer: vai pensando e vai escrevendo num processo em que o tempo de escrever e as exigências da escrita interferem de modo positivo no desenvolvimento da ação, logo da narrativa e dos comentários que o narrador faz ao que vai acontecendo. Pensamento puxa pensamento, uma ação leva a outra ação e o próprio autor vai atrás da linha da vida que no seu texto se desenrola.

Esta influência do ato de escrever no conteúdo do pensamento não acontece apenas na narrativa. Imaginemos que me pedem uma intervenção pública sobre, sei lá, a violência doméstica. Se eu me sentar a pensar sobre o assunto, fico a pensar comigo mesmo, e os pensamentos vêm e vão ao ritmo da corrente de pensamento, que é mais ou menos instantâneo e sequencial. Posso, é claro, tentar organizar as ideias que me ocorrem, numa disciplina mental que tem as suas exigências. Porém, se eu me decidir por escrever sobre o assunto, coloco-me desde logo numa outra posição física, talvez sentado a uma mesa, e a posição do corpo interfere na forma como eu penso. Por outro lado, o meu pensamento tende a ganhar uma forma mais cuidada, segundo a exigência da expressão escrita. Além disso, o meu pensamento vai surgindo à minha frente, escrito, e eu passo a pensar também com os olhos. Assim, eu organizo mais facilmente a informação em vários pontos, talvez a formulação do pensar se torne mais abstrata, é provável que eu faça outro tipo de parágrafos para “ver” o

que está escrito, posso riscar ou apagar uma palavra ou expressão ou mesmo um parágrafo inteiro (como é que isso se faz no pensamento apenas mental?).

Quantas vezes temos uma ideia clara na cabeça, mas quando tentamos escrevê-la ela sai uma coisa sem sabor, pobre, sem consistência... Então, desistimos ou começamos a trabalhar para conseguirmos escrever uma coisa que a princípio não éramos capazes e, no fim, já está uma coisa que nos surpreende ter conseguido. Eu diria que aqui, desistir ou insistir, é que começam as grandes diferenças que fazem um escritor.

Se o meu pensamento está a acontecer por escrito, é provável que se destine a ser divulgado. De imediato, eu introduzo a suposta reação do leitor, a sua crítica, àquilo que escrevo. Não se trata de me submeter à opinião ou controlo dos outros, sou eu próprio que me sinto a pensar e a escrever perante o leitor. Posso, por exemplo, adequar a linguagem e a construção à idade e ao nível de literacia do tipo de leitores a que o texto se destina. Se eu penso apenas de mim para mim, por exemplo sobre a violência doméstica, é natural que eu tenha em conta as minhas exigências no pensar. Mas se eu penso para publicar, sinto logo a responsabilidade de estar a pensar em público, talvez num contexto qualquer de polémica, ou perante casos que estão a passar despercebidos ou não suficientemente valorizados. Ou seja, os outros a quem destino a minha escrita entram a fazer parte do meu ato de escrever. Parafraseando Ortega y Gasset, a escrita é minha e da minha circunstância.

E se eu me sentar para escrever um poema, a importância da escrita pode ser ainda maior. Por vezes, mas muito raramente, um poeta diz que trabalha o poema mentalmente e quando se senta para o escrever este nasce quase pronto e sem emendas futuras. Mas o mais comum é nós vermos os manuscritos (que hoje existem cada vez menos) bastante rasurados, sinal de que o poeta corrigiu o seu texto inicial talvez em sucessivas abordagens. Por isso se fala da “oficina” do autor, do trabalho “oficinal” da escrita.

Escrever não é apenas, repita-se, passar pensamentos a escrito. Escrever é sobretudo pensar sob a disciplina da escrita, sob as exigências da escrita. Façamos um pequeno exercício: o que é pensar bem e o que é escrever bem? As respostas não são coincidentes. E se há dúvidas, o melhor é perguntar a alguém e apreciar as respostas.

Uma coisa fica, creio, patente: um escritor, isto é, uma pessoa que vive a escrita como uma parte importante da sua atividade, é alguém que coloca em público textos e obras que passam a fazer parte do património colectivo do pensamento e da arte da escrita – e da vida das mulheres e dos homens do seu tempo. Isso implica, desde logo, uma responsabilidade que muitas vezes vai para lá do que o autor consegue perceber. Por isso, tantas vezes o autor acaba por ser surpreendido por certas reações ao que escreveu.

É claro que se pode escrever só para passar o tempo ou desabafar e deitar fora a seguir. Mas não é disso que aqui se trata. O que aqui está em jogo é a escrita literária ou escrita de autor. Que é muito mais que escrever “umas coisas” e dá-las ao mundo sob a forma de livro e esperar que o mundo se ajoelhe.

Outubro de 2022

José Alves Jana